

Tatuagens

"... e toda a felicidade é casual e se apresenta a ti em cada instante, como um mendigo em seu caminho."
André Gide. "Os Frutos da Terra", livro primeiro.

A palavra-chave é exatamente essa: o tempo. A obra gravada, recém-impressa, já traz o fascínio da história. Ela é silenciosa, íntima, comum. Ela estabelece, de imediato, o vínculo com o espectador: a imagem gravada resgata as lembranças da infância, os livros que invadam a madrugada insone a povoar o quarto de imagens. A cumplicidade surgindo através do talho, das incisões, da tinta. É a mão humana, mais que nunca, construtora, artesã a tecer os fios, a trama, a teia que envolve fragmentos, pedaços, momentos.

O tempo é exatamente isso: a gravura. Aqui não existe espaço para o imediatismo, para a velocidade, para a extroversão. Ao contrário, na gravura o prazer da imagem é obtido através da corrosão, da ausência da matéria, sulcos nos quais a tinta penetrará. Essa luta, a de vencer a matéria áspera, ferir a couraça, a chapa, e nela inserir uma outra história é feita por um processo lento, no qual cada estágio desse processo exige paciência, acuidade. Exige tempo. Polir, limpar, queimar, sujar, fazer. Em cada momento o artista debruça-se sobre o trabalho, passa de leve a mão sobre a superfície trabalhada, acaricia-lhe a pele, tatuada paisagem, sente-lhe a textura, a porosidade. O artesão e o artista confundem-se nesse ofício. Como será possível definir-se, com precisão quando um atua, quando o outro opera, principalmente quando convivem num único corpo? Por quantos mendigos cruzamos hoje pela manhã?

A gravura é exatamente isso: a ação. O ato ocorre diante de meus olhos. A mão, cega, obedece aos impulsos. É a cozinha, é a tortura, a evidente sexualidade de suas mediações. A imagem surge, e se desenvolve, através dessa história. "Busco por vezes no passado algum punhado de lembranças para com elas criar-me enfim uma história, mas perco-me e minha vida transborda de recordações. Parece-me que só vivo em um instante sempre novo." (1) Essa é a imagem que resgata o passado para se descobrir no presente, essa ambiguidade da forma infantil que se alia a uma adulta racionalidade na orientação espacial, essa perversão infantil convivendo com um lirismo adulto que me atrai nas gravuras em metal da artista plástica gaúcha Maria Lucia Cattani. Simples e complexas, as suas formas anteriores, que se relacionavam mais com o desenho, hoje soltaram-se de seus limites ditados pela linha e se gestualizaram, em pinceladas largas cujas variações de tons cromáticos revelam toda a riqueza de texturas que a chapa obteve através dos sucessivos estágios, sucessivos momentos, impostos pela artista.

A ação é exatamente essa: a geração. A evidente tendência da gravura para as sutilezas, para uma certa interiorização, para uma musicalidade mais dispostas à delicadeza harmônica do que às estridências, nem sempre

caminham paralelamente ao espírito da época, mais aberto, libertário, investindo na fanfarra, acreditando no poder de sedução da gestualidade e da cor para, com isso, conseguir fazer-se mais próxima das pessoas. A artista traz, como bagagem, e delas não se consegue fugir, a tradição de um dos mais importantes centros de gravura desse país, cujas heranças realistas até hoje sensibiliza grande parte dos produtores de arte locais. Cattani, entretanto, opta pelos seus referenciais mais diretos, pelo repertório formal de sua geração, pelos compromissos com a estética demolidoramente libertária dessa época. Seu traço é conscientemente irônico, deliberadamente finge-se vacilante. No entanto, é ritmado e preciso. A obra assume a influência pop, a estética do *cartoon*. A abstração, porém, se impõe absolutamente, principalmente agora com pinceladas largas, pinceladas de guache sobre a chapa, o que a aproxima das experiências em gravura de seu conterrâneo Iberê Camargo. Ao final, o resultado dos trabalhos de Cattani revela uma evidente identificação com a estética urbana, com os muros, e algumas relações cartográficas. Se nos trabalhos iniciais a artista apropriava-se da gravura com objetivos relacionados à forma e ao espaço, num trabalho primordialmente gráfico, próximo, portanto, do desenho, nas suas últimas tiragens o que percebemos é uma relação mais envolvente com a matéria, com a pincelada e a cor, algo que a aproxima, sem dúvida, das indagações especificamente pictóricas. Abandonando a introspecção, a obra atualmente revela-se mais operística, mais teatral, mais ousada e, por que não, mais feliz. Em evolução constante, ela se afirma a cada dia no panorama da arte contemporânea. A sua trama, o seu tecido, a sua tela, camuflagens, transparecem a pele sobre a qual a imagem adere feito tatuagem.

(1) André Gide. "Os Frutos da Terra", livro oitavo.

Marcus de Lontra Costa
1986